

ações possam ser adultos, neste contexto vamos referir-nos apenas a ações e medidas que envolvem crianças ou jovens.” Para a investigação foi analisado o caso de Amanda Todd, uma jovem canadense que após sofrer com o cyberbullying durante três anos, cometeu o suicídio e evidenciou a urgência em debater o tema dos ataques virtuais apoiados na internet e suas violentas consequências. Além disso o tema, por sua relevância social e acadêmica, merece toda a atenção dos cientistas sociais que podem e devem analisar as consequências e usabilidades dadas frente as novas ferramentas de comunicação existentes na contemporaneidade. Castells & Gerhardt (2000, p.17) dizem que “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. A história da Internet fornece-nos amplas evidências de que os utilizadores, particularmente os primeiros milhares, foram, em grande medida, os produtores dessa tecnologia”. O resultado da análise demonstra que a falta de entendimento e relevância do assunto junto às vítimas, aos agressores, os participantes indiretos, a família e a escola deixam a sociedade sem ação perante os diversos casos que acontecem pelo mundo. Mais do que entender é preciso prevenir e uma análise do caso de Amanda Todd mostra que ainda há uma imensa dificuldade no atendimento e tratamento das vítimas e dos envolvidos no processo. Compreender como se dá o fenômeno, relacionar a urgência da comunicação e quais são suas consequências na sociedade são necessários e o presente estudo pretendeu fazer isso.

NOME: LIDIA MARÔPO, RAIANA DE CARVALHO E INÊS VITORINO SAMPAIO

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: *A visão de adolescentes com câncer sobre a divulgação da sua imagem: entre a privacidade e a auto-afirmação*

RESUMO: A proposta desta comunicação é discutir a percepção de adolescentes com câncer sobre a exposição da sua imagem, seja em peças jornalísticas, em campanhas promocionais em favor de instituições de tratamento ou ainda nas redes sociais. Como estes compreendem o seu direito à privacidade? Que sentidos constroem sobre as suas representações nas notícias? Como avaliam o papel dos jornalistas e a interação com estes? Como analisam o uso da sua imagem em materiais promocionais da instituição que lhes propicia tratamento? Como eles próprios administram a divulgação da sua imagem nas redes sociais? Que tipo de enquadramentos aprovam ou desaprovam? Que oportunidades e inconvenientes veem na publicização da suas imagens? Tomando como referência teórica os estudos culturais e a pesquisa latino-americana sobre as audiências, discutiremos estas questões com base em dois grupos de foco realizados respectivamente com quatro adolescentes do sexo masculino (12 a 20 anos) e quatro do sexo feminino (13 a 17 anos). Esta divisão permite-nos explorar mais aprofundadamente as especificidades associadas ao fator de gênero. Todos os participantes iniciaram o tratamento antes dos 18 anos e provém de famílias cujos pais têm profissões pouco qualificadas. Os grupos de foco foram realizados nos meses de abril e maio de 2014, numa instituição filantrópica de assistência contra a doença onde os adolescentes são atendidos na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, Brasil. No contexto cearense, crianças e adolescentes com câncer são personagens regulares do discurso noticioso e de campanhas filantrópicas que frequentemente divulgam as suas imagens e histórias de vida nos meios de comunicação social ou em material promocional de instituições interessadas em divulgar os seus trabalhos de responsabilidade social. Nestas representações, predominam os discursos autorizados dos adultos especialistas frente às falas das crianças e adolescentes, enquanto o consentimento informado destes e de suas famílias é por vezes negligenciado. Além disso, muitas vezes enquadramentos dramatizados privilegiam as dificuldades do tratamento, as dores e as incertezas da doença, em detrimento de abordagens mais complexas, onde os desafios se conjugam com o amadurecimento e a superação de quem enfrenta um câncer. Os depoimentos apontam para uma valorização da voz dos adolescentes no discurso noticioso sobre o câncer e também no discurso promocional das instituições de tratamento. No entanto, eles próprios querem gerir os termos e condições de divulgação das suas imagens, no sentido de não reduzir as suas vivências à condição de vítimas de uma doença supostamente fatal. Neste sentido, querem ser reconhecidos como sujeitos e não apenas como objeto da atenção e do cuidado de adultos e das instituições, embora reconheçam neles parceiros fundamentais no enfrentamento da doença. Além disso, as suas falas ressaltam as singularidades nas diferentes maneiras como os próprios lidam com as suas imagens. No facebook, por exemplo, enquanto uns preferem a privacidade, outros utilizam a própria imagem para promover uma representação mais otimista do que é ser um adolescente com câncer.